



O QUE É UM ENREDO?
EXEMPLO ETNOGRÁFICO DE CRIAÇÃO DO ENREDO
PARA O CARNAVAL DE 2024 DA ESCOLA DE SAMBA
UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADOR

WHAT IS AN "ENREDO"?
ETHNOGRAPHIC EXAMPLE OF CREATING THE
"ENREDO" FOR THE 2024 CARNIVAL OF THE SAMBA
SCHOOL UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADOR

Clark MANGABEIRA¹

Victor Marques de ARAUJO²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar conceitualmente o que são os enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Em termos metodológicos, considerando o trabalho de construção do enredo do Carnaval de 2024 da Escola de Samba União da Ilha do Governador, observado no registro etnográfico, intenta-se fazer dialogar a prática da escrita de um enredo com os conceitos levantados, defendendo-se que o enredo é uma força semântica fundamental para o desfile como um todo, uma força centrífuga que faz emanar os significados do desfile tomados como um *assombro holístico*. Por fim, analisar-se-á como todos os elementos do desfile refletem o enredo, usando-se como exemplo o samba-enredo deste caso concreto.

¹ Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade do Rio de Janeiro. Professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Mato Grosso. *E-mail:* mangabeira.clark@gmail.com.

² Mestre em Antropologia Social na Universidade Federal de Mato Grosso. *E-mail:* victormarques.rj@gmail.com.



PALAVRAS-CHAVES

Carnaval; Escola de Samba; Enredo; União da Ilha; Doum e Amora.

ABSTRACT

This article aims to conceptually analyze what the “enredo” of the Samba Schools in Rio de Janeiro are. In methodological terms, considering the work of constructing the “enredo” of the 2024 Carnival of the Samba School União da Ilha do Governador, observed in an ethnographic record, the aim is to establish a dialogue between the practice of writing an “enredo” and the concepts raised, defending that the “enredo” is a fundamental semantic force for the parade as a whole, a centrifugal force that emanates the meanings for the parade taken as a holistic wonder. Finally, it will be analyzed how all the elements of the parade reflect the “enredo”, using the “samba-enredo” of the case as an example.

KEY WORDS

Carnival; Samba School; “Enredo”; União da Ilha; Doum e Amora.

INTRODUÇÃO

É muito comum aos amantes dos desfiles das Escolas de Samba cantarolarem sambas tidos como “clássicos”. São muitas as listas de reprodução disponíveis, porém não há muito consenso nos corações apaixonados sobre este ou aquele samba que merece a glória da eternidade. Todavia, há um consenso sobre alguns sambas serem sim eternos, pois o verso de um deles personaliza muito bem o nosso espírito ao chegar à União da Ilha e ele diz “a minha alegria atravessou o mar”. Atravessamos as ruas de Vila Isabel, seu *boulevard*, o mar e ancoramos na escola que cantou “O Amanhã”, em 1982. Agora, enredistas insulanos. Contudo, toda mudança traz novidades e uma casa nova requer observação e respeito. Novos personagens entram em nossa história de enredistas do desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.



Toda história começa com um ponto final. O casamento com a escola do bairro de Noel, na qual escrevemos carnavais por três anos, terminou de maneira que os parceiros seguiram seus caminhos em busca de novos desafios e conquistas. Obviamente toda separação traz um certo medo do novo, insegurança, mas ao mesmo há uma rede de contatos, amigos e sambistas que foi construída ao longo dos anos que passamos em cada Escola na qual trabalhamos e, assim, chegamos à União da Ilha. Com alguns fios resistentes e outro nem tanto, a teia de interrelações pessoais e de trabalho existe e foi fundamental para que pudéssemos, agora, escrever um novo capítulo.

Numa sequência de construção consecutiva de enredos fazendo parte da mesma equipe, por três anos seguidos, escrevemos vários enredos, dentre os quais destacamos cinco enredos contando com o da Unidos de Padre Miguel (2022) na Série Ouro do Carnaval Rio de Janeiro – como era chamado até então – e o da Mocidade Alegre (2022) no Grupo Especial de São Paulo, além dos citados três na Vila Isabel. Desse modo escolhemos uma pausa, um tempo para rever nossa participação e estabelecer parâmetros que nos ajudassem a trabalhar de forma mais produtiva e motivados a fortalecer a nossa rede. Na verdade um “descanso” que durou pouco.

Consideramos que nesse espólio que é a separação de uma equipe de construção de um carnaval, amizades são os bens que fazem a engrenagem do carnaval girar nos bastidores, pois delas surgem as indicações para novos trabalhos, recomendações e notícias que possuem um ar de *making-off* de um filme que vai estrear na Sapucaí em fevereiro.

Numa noite quente e de ar-condicionado à 18 graus, uma mensagem de texto chega pelo *smartphone*. Mal sabíamos que a real intenção dessa mensagem – enviada por uma pessoa próxima e integrante da antiga equipe



– era saber se estávamos dispostos a uma aproximação com um novo carnavalesco para que pudéssemos escrever o novo enredo da União da Ilha. Ansiosos e temerosos, mas, sem dúvida alguma, animados, respondemos positivamente para a aproximação e uma reunião *online* foi marcada.

O carnavalesco, responsável pelo desenvolvimento/escolha imagético/a do desfile, era outro, com passagens por grandes escolas e enredos significativos no universo carnavalesco. E foi assim, através da rede mundial de computadores que a nossa rede social momesca nos levou à União da Ilha. Depois, muitos outros encontros virtuais foram marcados até que conhecêssemos o carnavalesco Cahe Rodrigues pessoalmente.

O ponto de partida para a construção da narrativa insulana foi marcada por um início diferente, pois o tema era autoral e sabíamos que queríamos o nome Amora presente nele, homônimo a da personagem do livro do escritor, compositor e rapper Emicida. Ao mesmo tempo em que muitos telefonemas e mensagens eram trocados por nós da equipe de criação com as pessoas que compunham a equipe do artista, separávamos elementos e dados que justificassem uma narrativa lúdica para contar uma história necessária e urgente. O combate ao racismo estrutural pelo viés narrativo da infância nos era inédito e desafiador para que fugíssemos do lugar comum de enredos com imagens estereotipadas de símbolos do povo preto, já assimilados pela múltipla culturalidade brasileira. Sendo assim, compreendíamos a importância do enredo e de sua relevância.

As escolas de samba são espaços diversos e compostos por diversas subjetividades. Dessa forma, tal característica foi catalisadora para que a história ganhasse palavras e formas que seriam projetadas e depois construídas pelo carnavalesco. O foco do enredo foi uma educação antirracista para a



formação de cidadãos conscientes do papel do povo preto na sociedade, bem como a exaltação e a divulgação de expoentes negros que possuem papel fundamental na cultura brasileira. De intelectuais a danças, gêneros musicais, ritmos e brincadeiras, o tom desejado era de maneira leve e direta pedir respeito e dar visibilidade aos feitos de negros que vivem à margem e que são e servem de referência para o futuro desse país. A Sapucaí em dia de carnaval era o palco mais digno para essa história acontecer.

Na figura de enredistas, nosso trabalho não é apenas construir uma sinopse que norteia o trabalho do carnavalesco em suas escolhas representativas das palavras por meio de fantasias, mas vai além. Ser enredista é participar dos detalhes, descrever as fantasias, pesquisar suas cores e significados norteando a imagem com a palavra escrita de modo a fazer do espetáculo prontamente vivo e com conteúdo e conceitos para além do visual. Portanto, nós, enredistas, não nos limitamos somente a entrega de um belo texto para servir de base para que a ala de compositores possa compor um belíssimo samba de enredo. Nosso trabalho é do início ao fim a figura de agentes que participam das decisões estéticas que são capitaneadas pelo carnavalesco, durante o processo que acontece o primeiro setor à última alegoria e componente que deixam a passarela do samba dentro do tempo regulamentar, como foi o caso da União da Ilha no Carnaval de 2024. Reiteramos, assim, uma faceta que precisa ser iluminada pelos holofotes da Sapucaí, que é o reconhecimento da construção carnavalesca das Escolas de Samba como um trabalho coletivo em busca do tão sonhado campeonato por sua comunidade.

Assim, diante dessa breve contextualização, nosso objetivo é lançar luzes sobre a construção de um enredo de Escola de Samba, focando-se no enredo preparado para o G.R.E.S União da Ilha do Governador, para



o carnaval de 2024. Através de uma abordagem de inspiração etnográfica discursiva, pelos meandros da construção *in loco* do discurso e do texto enredísticos, trata-se de uma proposta que traz à baila o tema do enredo de Escola de Samba de maneira teórica e prática, privilegiando-se, como exemplo etnográfico, um carnaval específico, no qual a narrativa levada à Sapucaí intitula-se “Doum e Amora: crianças para transformar o mundo”, tendo como cerne de análise do texto do enredo.

CONSTRUINDO ENREDOS

O enredo é peça central da definição de um desfile de Escola de Samba. Em termos mais abrangentes, trata-se efetivamente de uma peça central de narrativa que informa tanto a definição organizativa do desfile, visto que é o enredo quem corrobora e organiza os elementos visuais e sonoros do cortejo; como peça de definição semântica, pois é a partir dele que o universo do desfile ganha sentido, torna-se inteligível em algum nível, para o público, jurados e mídia (Mangabeira, 2020).

De maneira teórica, Julia Cesar Farias (2007) defende que a linguagem dos desfiles é uma linguagem carnavalesca que tem como principal característica a combinação mosaica de diversas linguagens artísticas, dentre elas a literatura. Nesse sentido, continua Farias (2007), o enredo se cristaliza como o fio condutor do desfile, interligando a totalidade das artes em uma integração que materializa a mensagem do cortejo.

Entendemos, portanto, o enredo, na toada de Farias, como essa peça narrativa que organiza toda a Escola de Samba em seu desfile, dando os significados que cada ala, alegoria e setor terão na Avenida. Paralelamente, destaca-se que o enredo é mais amplo do que a sinopse, peça narrativa



par excellence que é disponibilizada na mídia, a partir da qual o enredo se configura inicialmente.

Em termos gerais, o enredo abrange, primeiramente, um tema. A definição desse tema, seja autoral – escolhido pelo carnavalesco e/ou enredista –, seja indicação das instâncias superiores das Escolas – presidência, patrono etc. – ou ainda “encomendado” ou “externo”, no qual um tema é ofertado à Escola por alguma instituição ou cidade, por exemplo.

A escolha inicial deste tema nem sempre é definida sem tensões. Alvo de escolhas que abrangem aportes políticos e financeiros dentro das Escolas de Samba, a temática, idealmente, deveria se casar com a tradição da Escola, com suas características construídas ao longo dos anos, refletindo as identidades e comunidades conhecidas de cada agremiação no mundo carnavalesco.

Contudo, quando se chega à definição do tema do enredo, as tensões e dinâmicas entre equipe criativa, capitaneada pelo carnavalesco, e a equipe administrativa entram, não poucas vezes, em negociações constantes até a escolha ser efetivada. Fruto dessas negociações, o tema inicial começa a ser recortado, remodelado, adequando-se às intenções do desfile daquele ano e, ainda, se possível, às tradições da Escola de Samba em questão.

Aqui ocorre a etapa de idas e vindas das intenções do carnavalesco e da sua equipe com a gerência da Escola de Samba. Nesse momento, a pesquisa do tema e a escrita dos textos iniciais do enredo como base do desfile são pautados tanto pela criatividade do carnavalesco e, se houver, enredistas, quanto pela necessidade informada pela Escola de Samba. Nem sempre as negociações são positivas e/ou efetivas para todos os envolvidos, mas, quase sempre, dessas negociações o tema do enredo é cristalizado e o



começo do fio condutor do desfile começa a ser estabelecido pela pesquisa do tema, que convergirá em uma narrativa.

Deste tema pesquisado, disputado e negociado, a etapa seguinte é a construção da sinopse do enredo, a narrativa básica, contemporaneamente escrito com características literárias evidentes (voltaremos a isso). A sinopse do enredo, como um resumo, apresenta em si as ideias centrais do tema definido e, muitas vezes, já insinua a ordem, as imagens e os elementos do desfile, estabelecendo de fato o fio condutor da narrativa na qual o desfile se apoia.

A sinopse é um texto literário, peça chave para o entendimento do enredo na temporada pré-carnaval, disponibilizada na mídia. A sinopse é a base, inclusive, para a feitura do samba-enredo, sendo um elemento, por princípio, central para que os compositores possam construir seus sambas sem destoar do proposto pela equipe criativa. A sinopse é o foco narrativo que estabelece a construção dos sentidos e a ordem dos desfiles.

Em outras palavras,

Entende-se por enredo o tema abordado pela Escola de Samba. Geralmente, constitui-se de uma narração de uma história – que pode ser um fato, um conceito, uma crítica, dados biográficos, etc. – numa sucessão de acontecimentos, desenvolvendo subtemas, a partir de pesquisas e adaptados às características da Escola. Ao desenvolvimento do enredo enquanto argumento dá-se o nome de sinopse, que se compõe do resumo do assunto a ser tratado pela agremiação (Farias, 2007, p. 14).

Definidos, portanto, tema geral e argumento, ou seja, a sinopse que estabelece as relações semânticas, temáticas e subtemáticas, entre as partes do desfile que serão apresentadas na Sapucaí, o trabalho segue. Se, por um lado, houve uma pesquisa inicial para a confecção dos recortes do enredo,



por outro, essa pesquisa não se extingue com a sinopse. O trabalho a partir do enredo é exatamente permitir ao carnavalesco tanto a tradução textual dos elementos plásticos e visuais, de uma forma que sejam atrelados à narrativa inicial cristalizada na sinopse, quanto fornecer base textual para que o carnavalesco possa criar a partir do argumento definido no enredo.

A base textual, de qualquer forma, é a base do desfile. Se, por exemplo, o carnavalesco cria uma fantasia com características plásticas mais genéricas, que comporá um carro alegórico, é trabalho do enredistas, se houver, traduzir essa fantasia em um texto que se encaixe perfeitamente no enredo contado. Paralelamente, é a partir dos textos e dos significados definidos e organizados de antemão das alas, alegorias e elementos mais importantes do desfile que o carnavalesco, geralmente, cria suas fantasias e carros alegóricos, estabelecendo-se, portanto, uma simbiose entre texto e visualidade, tudo dado semanticamente a partir do enredo definido.

Nesse sentido, nos últimos anos tem surgido um novo profissional do carnaval, responsável exclusivamente pela escrita e defesa do enredo, incluindo a pesquisa, a feitura da sinopse e os desdobramentos desta ao longo do ano, que desembocam nas defesas escritas das alas, alegorias e de todos os demais elementos do desfile, que são entregues aos jurados e à mídia em um enorme documento chamado “Livro Abre-Alas”, no qual todas as informações sobre o enredo e desfile estão pormenorizadas. Este profissional é o enredista, espécie de braço-direito do carnavalesco e com o qual divide e interage na criação do desfile.

Obviamente, a figura do enredista não é uma presença obrigatória: vários carnavalescos escrevem seus enredos autonomamente. Porém, com a intensa profissionalização do mundo do carnaval e sua divisão social de



trabalho, já destacado por Helenise Monteiro Guimarães (1992a; 1992b), a figura do enredista está cada vez mais ganhando espaço, seja como contratado direto de uma Escola de Samba, seja como partícipe da equipe criativa vinculado diretamente ao carnavalesco.

Por outro lado, vale destacar que, como a práxis do enredista tem se tornado comum nas Escolas de Samba, uma das estratégias utilizadas é a de contratar uma pessoa pública para escrever apenas a sinopse do enredo, não sendo a responsável pelo acompanhamento da construção e da narrativa do enredo como um todo. Nesse caso, quando apenas há a escrita da sinopse, chamamos este de sinopsista, ou seja, o responsável única e exclusivamente pelo texto da sinopse, não se enquadrando como enredista, que é uma atuação mais ampla e próxima da criação, especialmente textual, total do carnaval.

Definido a ação do enredista, cabe agora percorrermos a construção do enredo do carnaval de 2024 na seara textual, escrutinando a amplitude literária do enredo, em especial a sinopse, em questão. Antes, contudo, definamos o essencial semântico do enredo em sua gênese: a carnavalização e a que ela e o enredo se propõem.

ENREDO EM DESFILE: CARNAVALIZAÇÃO

Como estrutura narrativa, o enredo preenche os espaços de significação do desfile. Preenche-os e os organiza. Dá uma direção, um sentido, uma forma semântica ao cortejo. Se história contada na Sapucaí, dividida em partes articuladas de música, sons, alegorias, alas etc., ou seja, se cada uma destas partes não estiver “dentro do enredo”, como nos informa o campo, há penalização dos jurados e, mais ainda, fica um buraco de entendimento. Dessa



forma, o enredo é uma estrutura agregadora, aglutinadora dos elementos do desfile e de seus significados, estabelecendo direções para o público.

Clark Mangabeira (2020) chamou essa característica de inter e entrecruzamento das partes do desfile de “holístico”. Para o autor, o desfile é *holístico*, no qual as partes só fazem “mais” sentido quando articulada se entendidas, sentidas, na sua relação com as outras partes do desfile. Há um todo de partes cruzadas, estruturadas para serem fruídas uma após a outra, mas cujo sentido se dá uma *com* a outra, na articulação do todo. O resultado, a fruição emocional, o autor chama de *assombro*, pois, nas suas palavras, o desfile pode dar certo ou errado, ser compreendido ou não, emocionar ou não, causar emoções positivas ou negativas – daí um “assombro holístico”.

Em suas palavras,

Se no “assombro” domina a experiência emocional e emocionante reativa ao desfile, fragmentadamente assistido e recepcionado (CAVALCANTI, 2012), o “holístico” aponta na direção da construção de sua significação dada pela interação entre as diversas partes que o compõem sempre consideradas relacionalmente, nunca isoladamente; e, ao mesmo tempo, entre a relacionalidade das partes do desfile e as várias vozes que com ele e/ou a partir dele dialogam [...] (Mangabeira, 2020, p. 359).

Se há assombro holístico nos desfiles, a pedra de torque semântico é o enredo. É ele quem, de antemão, garante, ou ao menos estabelece, a proposta de significação, na qual cada uma daquelas partes faz sentido. Se o enredo aglutina, ele indica, *a priori*, o sentido de tudo. Assim, segundo Darcília Simões,

No caso de um desfile carnavalesco, o enredo é o elemento de controle mais sobre o processo de leitura. (...) Cada Escola trabalha sobre um eixo temático que é manifestado como um teatro “semovente”, cujas cenas se sucedem imediatamente, sem que haja qualquer apagamento da cena anterior. O enredo (= eixo temático), cantado no samba-



enredo, é retratado por alegorias, pelas alas diferenciadas e pelos passistas (Simões *apud* Farias, 2007, p. 15).

Nesse sentido, para significar *no, com e entre* o Carnaval, uma característica se impõe ao eixo do enredo: a carnavalização do tema. Não se trata de um tema exposto de forma literal, mas sempre carnavalizado, ou seja, no sentido inspirado por Bakhtin (1996) que Marcelo Barreira (2016) dá ao tema, de uma ruptura com os processos culturais vigentes. Para este autor, a carnavalização, processo de viés político e cultural, é um espaço de reconstrução, redinamização cultural e social, um “poder emancipatório” (Barreira, 2016, p. 18) que possibilita frestas de mudança:

[...] o que chamaríamos de uma carnavalização da cultura ou a carnavalização como princípio e conceito de um processo político-cultural mais amplo. A carnavalização da cultura em geral acompanha sua origem religiosa. Uma carnavalização da cultura reconhece o caráter emancipatório dos excessos caricaturantes como instâncias de ruptura com o padrão moral e religioso vigentes. A alcunha de carnavalização da cultura para esse processo de esvaziamento da especialização e enclausuramento crescente do carnaval é uma estratégia conceitual de reconhecimento do valor da mídia de massas e da massa de mídias em sua pluralidade de vozes (FRASCATILOCHHEAD, 1998). Ela não atenua a complexidade cultural, estimulando e diversificando o desejo em múltiplas direções (Barreira, 2016, p. 22).

Se o carnaval complexifica a cultura, aponta direções e estabelece novos paradigmas através da propositura de seus enredos *em* desfiles, as Escolas de Samba discutem, debatem, produzem novos sentidos e trazem à baila novas direções para questões culturais. Com os enredos *em* desfile, o Carnaval propõe saídas pelas frestas da rigidez social do cotidiano,



estabelecendo condições de inteligibilidade de variados assuntos e, a partir delas, mudanças plausíveis e possíveis.

No mundo carnavalizado dos enredos *em desfile*, os temas pesquisados, recortados, tensionados são apresentados ao público. A dinâmica carnavalizada permite inúmeras opções de propostas para o debate social e cultura. Ao público, é apresentada novas versões e imagens sincopadas de temas fundamentais para o debate público.

Assim, nessa toada, a Escola de Samba União da Ilha do Governador preparou seu Carnaval de 2024 propondo múltiplas direções pra um tema fundamental: a educação transformadora antirracista. A lógica do enredo foi baseada neste tema. E o recorte e carnavalização serão alvos das próximas seções.

“DOUM E AMORA: CRIANÇAS PARA TRANSFORMAR O MUNDO”

Sob a batuta do carnavalesco Cahê Rodrigues, Clark Mangabeira e Victor Marques, enredistas, pesquisaram e escreveram o enredo “Doum e Amora: crianças para transformar o mundo”, integrando a equipe criativa da Escola de Samba União da Ilha do Governador (em diante, União da Ilha) para o Carnaval 2024, que conta ainda com a participação do projetista e *designer* Rayner Botelho.

O enredo tem como proposta central a educação antirracista e o antirracismo como tema magno. O recorte proposto foi o de transformar este tema geral em uma discussão do mesmo, visto a partir do olhar das crianças, o que junta, em si, a dinâmica da infância, como terreno fértil para as transformações sociais e o lócus de educação, que é dialogado através do olhar infantil.



Na construção inicial textual/literária do enredo, a pesquisa foi feita com base em livros infantis e infanto-juvenis que tratam da temática. As obras de Emicida (2018), Rodrigo França (2020) e Alexandre Rampazo (2018) são exemplos da bibliografia pesquisada que serviu de base ao enredo. Em especial, o livro “Amoras” (2018) do rapper Emicida foi peça-chave para o enredo, a partir do qual nomeamos uma das personagens centrais, Amora, após tratativas com a equipe do *rapper* e devidas autorizações de uso.

Paralelamente, como o enredo começou a ser desenvolvido sendo narrado para ser um conto infantil, outro personagem surgiu no imaginário dos enredistas: Doum, que, no catolicismo e religiões afro-brasileiras, é o irmão mais novo de Cosme e Damião, relacionados aos Ibejis e Erês da tradição afro-brasileira.

Nesse sentido, para a peça literária mais fundamental – a sinopse – do enredo, um conto foi desenvolvido, no qual Doum e Amora não apenas são dois personagens, duas crianças pretas, que narram a história, quanto, em si mesmos, já são colocados como signos, índices, no sentido atribuído de Peirce (2008), dos temas mais amplos do antirracismo e da educação transformadora.

Não apenas os dois personagens narram o conto, como apontam, indicam na direção dos temas recortados: eles funcionam, ao mesmo tempo, como narradores-protagonistas do conto infantil que se tornou sinopse, como, paralelamente, indicam, através das suas presenças no conto, os temas mais gerais da educação transformadora e do antirracismo visto pelo olhar infantil.

A construção do enredo, partindo da pesquisa e da construção da sinopse, se tornou, portanto, palpável, o ponto semântico que define o desfile como um todo. A sinopse foi dividida em um prelúdio e a sinopse



propriamente dita, um desenvolvimento mais amplo do enredo. No prelúdio, as ideias iniciais e o recorte temático são apresentados:

PRELÚDIO

Inspirado livremente no livro “Amoras”, do rapper Emicida, e em demais contos infantis do universo da Literatura Negra brasileira, a União da Ilha do Governador, em 2024, propõe uma viagem fantástica pelo olhar puro da infância com o enredo “Doum e Amora: crianças para transformar o mundo!”.

Afinal, o mundo é bem mais belo quando visto pela verdade do coração das crianças, que têm muito a nos ensinar.

Doum e Amora, juntos em meio a doces e brincadeiras, percebem que a humanidade perdeu a inocência e o dom de enxergar a vida em tons mais coloridos. Resolvem ensinar inúmeras lições aos que se consideram sábios, dentre elas a tolerância e o amor ao próximo. Baseados em uma educação antirracista, apontam para uma realidade multicolorida em que o arco-íris não tem somente as sete cores que costumamos ver.

A atmosfera com aromas únicos que caracterizam a infância convida todas e todos a reaprender o bem querer e muito sobre a luta contra o racismo estruturado na nossa sociedade, que ainda acomete o crescer das crianças, que têm a força de transformar a partir do meio em que estão inseridas. Lembrando que a felicidade precisa ser regada e cuidada tal qual um pé de amora que balança com a ventania numa tarde ensolarada num desses quintais do Brasil. Doum e Amora são alegorias para todos os meninos e meninas negras desse país.

A União da Ilha entra na luta antirracista e contra a intolerância religiosa e lhe faz um convite para brincarmos de ser feliz! (Marques; Mangabeira, Site **Carnavalize**, 2023).

No prelúdio, já há a definição dos recortes dos temas e subtemas que o desfile apresentará. O texto introduz que Doum e Amora são signos – alegorias – que indicam as meninas e os meninos pretos do país, como explica a narrativa que os próprios irão contar no desfile, tendo como tônica a educação antirracista, a transformação da sociedade e o combate a todas as formas de preconceito racial.



Nesse sentido, o enredo de fato funciona como aglutinador do desfile, elemento central de construção semântica do que se verá na Sapucaí. Como já dito, todos os elementos do desfile devem indicar (Peirce, 2008) o enredo, estando a ele atrelados. Desde a Comissão de Frente, passando pelas alegorias e fantasias, até o samba-enredo, tudo deve estar vinculado ao recorre enredístico proposto e literariamente exposto na sinopse.

Assim, o texto segue, indicando que a história terá partes definidas: primeiro, é apresentado Doum; depois, apresenta-se Amora e, em seguida, o encontro de ambos, que partem para “espalhar pretitudes” pelo mundo. A separação proposta indica já a ordem do desfile, que seguirá a mesma lógica a fim de que todos os elementos do cortejo sejam semanticamente atrelados ao enredo e organizados na Sapucaí, um elemento “puxando” o outro em termos de significados, tratados literariamente na sinopse.

O texto, assim, será, pelas mãos do carnavalesco, transportado da narrativa para elementos visuais e plásticos, conquanto tudo deve se referenciar ao enredo proposto, à dinâmica do recorte das temáticas e imagens narradas na sinopse. Assim, nesta, aparecem Doum e Amora transformando o mundo:

Era uma vez um céu de vida, o Orun dos mistérios do Axé, onde meninas e meninos brincam felizes! Um mundo onde os Ibejis meninos gêmeos faziam travessuras, até que veio à luz um terceiro, a combinação da vida e da felicidade dos dois primeiros!

Doum, o menino que vira e desvira emoção, veio pra ensinar o beijo estalado do amor de todas as mães e o abraço apertado para acalmar os irmãos que sentem a dor da exclusão! Doum, que vive a sabedoria de se divertir com a fé e a sorte, ensina que, brincando, se é mais forte: – “Pode olhar, lá tudo é puro e profundo que nem Obatalá, o orixá que criou o mundo!”.

Sabendo então que no Aiyê meninas e meninos pretos vivem o tormento da maldade e do preconceito, Doum sempre por aqui está, em todos os terreiros e altares, ensinando o respeito!



De repente, entre brincadeiras enquanto apagava medos com guaraná e plantava nuvens de algodão-doce, ouviu uma cantiga e sorriu, pois sabia que o encantamento estava prestes a acontecer!

Amora é uma menina linda que exala e vive alegria! Seu pai, sabendo dos puros sentimentos, lhe cobre de abraços no portão de casa, contando que com a fé e a força dos antepassados, tudo se pode alcançar.

A menina gira-gira, pula corda e pique-pega, distribuindo receitas de afeto pra mostrar a Mãe-África, os ancestrais e a força infinita do carrossel do Axé das crianças pretas que derrubam branquitudes com os cachinhos de seus cabelos!

Sentada no meio-fio com sua abayomi, brinca e sorri. Sorri a beleza das amoras da mesma cor pretinha que ela! Sorri a negra terra onde seu umbigo está enterrado desde antes que nasceu! Sorri aquelas savanas ali do lado, onde seu umbigo foi plantado por mamãe Iemanjá, tão enorme e feita d'água que num só passo chegou nas Áfricas da sua alma! Amora, levada da breca, sorri o brilho dos rios e das asas de borboletas azuis, vermelhas e brancas, sabendo que o mundo inteiro cabe dentro da sua boneca!

A princesinha preta canta palavras de criança sabida feita na ancestralidade e nas cantigas do terreiro de Tia Ciata. Canta pra encontrar o seu amiguinho, de quem sente tanta saudade:

“– Cosme e Damião,

Ô Damião, cadê Doum?

Doum tá passeando é no cavalo de Ogum!”

Amora sente a presença espiritual do menino! Ele é a cura do mundo, a criança médica das almas, aquele que faz cambalhotas com ela para espalhar a verdade da transformação!

E lá vem Doum, das beiradas da noite estrelada, montado num cavalo-marinho que brilha como os olhos de jabuticaba da menina, para encontrá-la!

Doum transforma seu cavalo-marinho em carrinho de rolimã com rodas de pirulito, põe Amora em cima e saem juntos para entregar ternuras pretas pelas favelas!

A alegria se espalha como coloridos doces de setembro! Doum e Amora, o Encantado e aquela que tem amor no nome, levam doçuras de força e resistência para que a vida amadureça sem discriminação pela pureza do olhar de todas as crianças negras, suas irmãs e seus irmãos!

Amora aprendeu com Doum que a água do mar do seu coração derramará verdades pra gente adulta! Aprendeu que com a sabedoria do amor das meninas pretas feitas de sonhos existirá igualdade,



aquela que toda criança, como ela mesma, almeja e sabe. Amora aprendeu a derrubar preconceitos usando a sábia inocência dos seus olhos, que brilham a cor da sua pele, memória e herança de um continente inteiro!

Espalhando pretitudes nas cirandas de luta contra o racismo por toda parte, Doum e Amora brincam pra salpicar a vida com dignidade. Brincam a alegria dos Erês! Amora sorri e sabe que o mundo é lugar pra ser feliz. Doum ensina o encanto da vida de quem veio antes dela, daqueles que lhe deram a alma desde as Áfricas que cuidam do umbigo da princesinha naquela terra!

Doum e Amora querem transformar o Aiyê com sorrisos e os “mil tons” do arco-íris! A força de Amora é a alegria dos seus olhos de jabuticaba e a verdade de que ser criança é esperar no lutar! Amora e Doum querem mostrar o quanto é importante brincar com bonecas pretas, pintar noites com lindos cabelos crespos, soprar igualdades como flores de agapanto e buscar a União pelo respeito!

Amora e Doum querem nos transformar num mundo sem lobos-maus, sem dor, nem palmada! Um mundo com coroa black power, raios de sol trançados da memória de rainhas e reis negros – Dandara e Zumbi, pra sempre presentes! Um mundo sem privilégios de branquitude, mas de pretos no topo, mostrando que a pureza do afeto da infância é uma sábia lição contra o preconceito que veste o povo!

Juntos, enfim, plantam um baobá pelas ruas, consciências e escolas! Lendo Lucinda, Conceição, Maria de Jesus e a dos Reis ao som de Pérolas Negras, semeiam um montão de livros de conhecimento pra distribuir sabedoria e ensinamentos, e pra lembrar sempre o dever de enraizarmos a luta antirracista!

Lançam pelo mundo sementes de Ubuntu e Marielles para saravá o amor dos Pretos Velhos e Ibejis! Pedem a benção e proteção a Mãe Menininha e mostram que a igualdade vem dos tambores e atabaques das aldeias dos antepassados, que criaram as crianças para serem fortes e gigantes contra qualquer branca maldade!

*

Já quase na hora de voltar, Doum desvira numa cambalhota e vai embora. Monta seu cavalo-marinho e parte pro Orun numa estrada cheia de balas e cocadas rosas! Beija a face de Amora, deixando-a com sua abayomi! Amora sorri enfim a doçura mais simples da verdade que há e cantarola:

“Deus abençoe as crianças,
As crianças do Brasil,
Pra que elas tragam ao mundo,



Um amor que jamais existiu!”.
(Marques; Mangabeira, Site **Carnavalize**, 2023).

Como se depreende da sinopse, vários elementos são apresentados dentro da narrativa antirracista, elementos fulcrais da cultura afro-brasileira: personagens históricos pretos e negros, estórias que apontam na direção do antirracismo, elementos da religiosidade afro-brasileira, dentre outros. O jogo semântico do enredo é exatamente fazer tudo aglutinar em torno do recorte do tema proposto e, ao mesmo tempo, servir de *leitmotiv* do desfile, um solo fértil para que o carnavalesco possa materializar o conto na forma de visualidades no desfile. O nó semântico, no entanto, já foi dado: Doum e Amora transformando o mundo.

Definida essa base de significados, um dos elementos que a refletem é exatamente a letra do samba. Devendo, a princípio, estar afinado com o enredo, a letra do samba de ser um paralelo direto com ele, de maneira que ambos se articulem em torno da lógica de inteligibilidade proposta. Assim, façamos uma breve análise do samba da União da Ilha para o Carnaval 2024, destacando as concordâncias com o enredo e sua sinopse.

“A ILHA É A VOZ DO POVO PRETO!”

Se o enredo é um vetor centrífugo de significados, cujo centro pulsional se dá na definição do enredo em si demarcado por subtemas e recortado semanticamente, todos os elementos do desfile, como dito, respondem e interagem com o enredo, refletindo-o para que o desfile tenha uma coerência e uma coesão estreitas, de forma que, para público e júri, tudo faça sentido e o desfile dê certo, em tese, em termos de entendimento. Assim, por exemplo,



o samba-enredo é um dos elementos que interage e espelha o enredo, com ele dialogando diretamente.

Segundo Jackson Raymundo (2012), o samba-enredo é uma poesia formada a partir das linhas mestras da sinopse, transformando a prosa (por vezes, poética) em letra do samba. Nesse sentido, “os versos do samba-enredo reproduzem o ‘espírito da sinopse do enredo, mas também se comunicam com ela” (Raymundo, 2012, p. 35), de forma que no movimento espelhar entre enredo e samba, há espaço, obviamente, para o lirismo e a criatividade musical dos compositores.

O samba-enredo da União da Ilha de 2024 parte, portanto, da sinopse e tem uma estrutura similar, dividido em estrofes que contam a estória narrada especialmente na sinopse. Apresentando Doum, Amora, o encontro das personagens e o teor antirracista, fundamental na sociedade, a partir de uma educação transformadora, o samba segue o fio condutor central já delineado de antemão, criando versos belíssimos que espelham o enredo:

Reluz no Orún
Abençoado por Obatalá
Predestinado e forte é Doum
Brincando afasta o medo
No vira, desvira a emoção
Livra os irmãos da exclusão e dor

Amor que brota no ayê, ayê
O cacheado é a coroa da princesa
Toda beleza e doçura de Amora
Sorriso, morada dos ancestrais
Evoca os orixás, axé



Bate o tambor, bate tambor pro erê
Sacode o canjerê, é festa no terreiro
Tem brincadeira, bolo e guaraná
No toque do adjá
É samba mandingueiro

O doce encontro, magia e pureza, sublime união
Um raio de Sol, mil tons de esperança, a transformação
Nasce no peito a coragem que já foi semente
Lutando nas ruas de um jeito inocente
São pérolas negras, retinta raiz

Cria de um quilombo tem a força do guerreiro
Punho cerrado contra todo preconceito
Baobá, teu legado é imortal
E da sabedoria das cirandas
Um brado ecoou

Ô-ô-ô
Igualdade
A Ilha é voz do povo preto!
Num canto por justiça e respeito.
(Souza *et al.* Site **Letras**, 2023).

Na primeira estrofe, destinada a apresentar Doum, tal qual a primeira parte da sinopse, ele vira e desvira emoção, enquanto a segunda estrofe apresenta-nos Amora, evocando os Orixás e a ancestralidade.

Já o primeiro refrão, evoca os tambores e o próprio “samba mandingueiro”, trazendo a força poética que o tom do enredo apresenta e seus elementos,



como os erês; as brincadeiras e comidas que se referenciam a Cosme, Damião e Doum; e os terreiros das religiosidades e religiões de matrizes africanas.

O encontro de Doum com Amora acontece na quarta estrofe (após o primeiro refrão) e, a partir daí, explode o samba cantando-se a negritude, a justiça e a igualdade. Espelhando a sinopse, Doum e Amora, signos do antirracismo e da educação transformadora, espalham sua força enredística centrífuga de forma que quilombos, um baobá e outros elementos culturais da negritude presentes do samba passam a ser índices (Peirce, 2008) fundamentais da proposta, indicando a força necessária da luta antirracista e a própria trajetória de Doum e Amora que, como diz a sinopse, espalham pretitudes pelo mundo.

Voltando a Jackson Raymundo (2012), o brilhantismo dos compositores é exatamente o de “resumir” o enredo em poucos versos, de forma que o sentido dado pelo primeiro resvale através do segundo, do samba, que tem a tônica de cantar os temas destacados pelo enredo. Diversos elementos – as personagens históricas citadas na sinopse, elementos lúdicos, brincadeiras, os Orixás etc. – são incorporados no samba, refletindo-se o enredo que mantém o controle semântico da narrativa do desfile – samba incluído – como um todo:

A mistura de diferentes momentos e personalidades históricos em algumas poucas dezenas de versos é um desafio para qualquer autor. No caso da canção, somam-se a isso as exigências melódicas e rítmicas. E no caso específico do samba-enredo, o problema se acentua, já que o desafio é fazer uma composição para um determinado contexto, o desfile de escolas de samba. nesse contexto, não basta ter uma boa letra, a canção tem que empolgar os componentes ao longo do desfile e ser de fácil compreensão, a fim de garantir a plana participação e harmonia da escola (Raymundo, 2012, p. 51).



Na toada de Jackson Raymundo sobre o samba, percebe-se que não só este, mas todo o desfile, é uma unidade holística (Mangabeira, 2020), em que cada elemento puxa o significado do outro, tudo dado pela unidade semântica que é enredo. Este é o plano de sentido máximo, a lógica que estrutura todo o desfile e, quanto mais integrados os elementos, mais coesão e coerência dadas pelo enredo se equalizam: o enredo é, por fim, estruturante semântico do desfile, o pilar que garante significado estabilizado para todos os elementos do desfile, de modo que todas as partes ficam entrelaçadas em uma estrutura semântica previamente dada na escrita enredística.

ENREDO, FANTASIAS E OS DISCURSOS DOS JURADOS

Apesar do clamor do público na Sapucaí, a União da Ilha amargou um sétimo lugar na classificação geral da Série Ouro do carnaval carioca de 2024. No quesito “Enredo”, juradas e jurados tiraram décimos valiosos para a agremiação, que obteve uma nota dez, dada pela jurada Clécia dos Reis, e três notas 9,9.

A jurada Ana Aparecida Ribeiro (2024) tirou um décimo do enredo com a justificativa de que “Na ala 23 ‘Afrofuturismo azul’, a escola não usou signos de fácil associação de acordo com a proposta inserida no livro Série Avenida” (Ribeiro, 2024). Já a jurada Talita Cerqueira justifica também o desconto de um décimo informando que:

A Escola de Samba, União da Ilha do Governador, trouxe um assunto edificante, abordando a temática antirracismo, contudo, a apresentação da narrativa mostrou-se complexa na abordagem, com diversos subtemas, no eixo sequencial, deixando a leitura do enredo confusa. As alas 22 e 23 que trataram sobre futuros possíveis não apresentaram com clareza a proposta anti-racista sugerida no caderno Série Avenida (Cerqueira, 2024).



Por fim, o jurado Fabrício Silva também descontou um décimo, justificando da seguinte forma:

Com Relação a Ala 9, intitulada: Nossa força e coragem, verificou-se que na narrativa plástico-visual da fantasia, o cavalo marinho da Ilha do Governador não era do mar, e ele veio na mão do componente quando conforme o livro Série Avenida, ele era parte integrante e não um adereço. De modo geral, esse aspecto dificultou o entendimento da proposta e a possibilidade de vislumbrar a noção de criatividade na execução (Silva, 2024).

Destaca-se que, em todas as justificativas penalizadoras, o foco central do desconto dos décimos parece ter sido a execução de fantasias, menos vinculado portanto à concepção do enredo, e mais a aspectos plásticos-visuais. Curiosamente, contudo, a União da Ilha gabaritou o quesito “Fantasias”, com quatro notas dez.

Essa dissociação de notas entre elementos visuais das fantasias que penalizaram o enredo e não o quesito correspondente de fantasias é, no mínimo, curiosa. Independentemente de uma defesa do enredo, questiona-se como, por exemplo, na justificativa de Silva, a presença de um adereço de mão como um cavalo “normal” pode dificultar toda a narrativa enredística, visto que a fantasia correspondente não foi penalizada, além de se tratar de um tema carnavalizado, com elementos que se constroem por entre a dinâmica do desfile como um todo.

O mesmo acontece com as justificativas penalizadoras de Ribeiro e Cerqueira, cujo foco do desconto está em duas alas que sinalizavam o tema do afrofuturismo esteticamente. De acordo com as juradas, os elementos estariam distantes do enredo, com uma execução afastada da concepção enredística.



Com a licença dessa defesa do enredo, importante ressaltar que a construção narrativa, sua concepção, tem que andar de mão dadas com a execução. Se uma ala tem uma fantasia cuja justificativa/concepção se apresenta coerente e de acordo com a execução, o desconto de décimos, em tese, não deve ser realizado.

Obviamente, trata-se de uma leitura subjetiva e, embora válidas todas as críticas aos jurados ou à Escola de Samba, o resultado final está dado e a União da Ilha, classificada em sétimo lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste contexto, trata-se do que é esse jogo de escrita, imagem e discursos: Carnaval. A disputa carnavalesca, nesta modalidade de festa que é o Desfile das Escolas de Samba da Série Ouro do Rio de Janeiro, tem vitoriosos e vencidos apenas dentro da Sapucaí. Para nós, enredistas, contudo, o mais importante é contar uma história, narrá-la com o carnavalesco, para que público e jurados se emocionem.

Assim, o escopo deste trabalho foi o de etnografar a construção de um enredo e, paralelamente, de um desfile de Escola de Samba do Rio de Janeiro para o Carnaval de 2024, apresentando as complexas redes de significados indíceis para a qual enredo, samba de enredo, fantasias, alegorias, o desfile como um todo e, finalmente, as vozes dos jurados apontam e se conectam, complementando-se na apreensão final do fenômeno que é um desfile de Escola de Samba.

Antes e depois do desfile em si, discursos variados contam e recontam (no caso de jurados, mídia e público) uma história que foi carnavalizada em alegorias, adereços, fantasias e todos os demais elementos carnavalescos do



cortejo. A história que se narra é apresentada e apreendida em diversos níveis e, sobre ela, diversas vozes a qualificam, seja na construção do espetáculo, seja na crítica e apreensão do mesmo.

Neste sentido, o enredo da União da Ilha do Governador em 2024 materializou-se e permanece vivo na medida em que o desfile ecoa em repetições midiáticas, estudos (como este) e demais lembranças. O enredo cristalizou-se semanticamente como desfile e o desfile nasceu de um enredo textualizado. Imagem e discurso uniram-se no desfile para criar o espetáculo. E sobre ele, outras vozes o qualificaram e o qualificarão: eis a eternidade do Carnaval.

Enfim, Doum e Amora foi nossa história em 2024. E, agora, que venham novas histórias para 2025.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo/Brasília: Hucitec/Udunb, 1996.

BARREIRA, Marcelo. “A carnavalização da cultura”. In: TELES DA SILVEIRA, Ronie Alexandro. (Org.). **O carnaval e a filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. p. 11-32.

CERQUEIRA, Talita. Justificativa de notas. **Site Liga Rj**, 10 de fevereiro de 2024. Disponível em: < https://ligarj.com.br/wp-content/uploads/2024/02/ENREDO-MODULO3-TALITA_CERQUEIRA.pdf>. Acesso em: 18 de março de 2024.



EMICIDA. **Amoras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FARIAS, Julio Cesar. **O enredo de escola de samba**. Rio de Janeiro: Litteris Ed., 2007.

FRAÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GUIMARÃES, Helenise Monteiro. **Carnavalesco, o profissional que “faz escola” no Carnaval carioca**. 1992a. 324 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, UFRJ, Rio de Janeiro, 1992a.

GUIMARÃES, Helenise Monteiro. **Anexos de entrevistas - Carnavalesco, o profissional que “faz escola” no Carnaval carioca**. 1992b. 260f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, UFRJ, Rio de Janeiro, 1992b.

MANGABEIRA, Clark. “Da Sapucaí, assombro holístico: breve (re)ensaio sobre o carnaval e o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro”. In: **Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**. Rio de Janeiro, ed. especial, p. 338-363, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/38473/21764>. Acesso em: 9 de novembro de 2023.

MARQUES, Victor; MANGABEIRA, Clark. “Doum e Amora: crianças para transformar o mundo – Sinopse do enredo da União da Ilha para o Carnaval 2024”. **Site Carnavalesco**, 6 de maio de 2023. Disponível em: www.carnavalesco.com.br/sinopse-do-enredo-da-uniao-da-ilha-para-o-carnaval-2024/. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

PEIRCE Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. Rio de Janeiro: Lendo e Aprendendo, 2018.



RAYMUNDO, Jackson. **Samba-enredo**: a canção de uma arte moderna. Porto Alegre: Editora Bestiário, 2021.

RIBEIRO, Ana Aparecida. Justificativa de notas. **Site Liga Rj**, 10 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://ligarj.com.br/wp-content/uploads/2024/02/ENREDO_MODULO1-ANA_APARECIDA_RIBEIRO.pdf. Acesso em: 18 de março de 2024.

SILVA, Fabrício. Justificativa de notas. **Site Liga Rj**, 10 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://ligarj.com.br/wp-content/uploads/2024/02/ENREDO-MODULO4-FABRICIO_SILVA.pdf. Acesso em: 18 de março de 2024.

SOUZA, Andre de; *et all.* “Samba-Enredo 2024 - Doum e Amora: Crianças Para Transformar o Mundo!”. **Site Letras**: 2023. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/uniao-da-ilha-rj/samba-enredo-2024-doum-e-amora-criancas-para-transformar-o-mundo/>. Acesso em: 14 de novembro de 2023.

Data de recebimento: 25/03/2024

Data de aprovação: 06/06/2024